

FINTECHS E INTERMEDIÁRIOS FINANCEIROS TRADICIONAIS: Uma análise comparativa sob o aspecto da rentabilidade e eficiência operacional.

Ana Beatriz de Souza Aguiar
ana.bsouza@aedb.br
AEDB

Cleidinei Augusto da Silva
cleidinei@aedb.br
AEDB

Wellisson Almeida da Silva
wellisson.silva@aedb.br
AEDB

Resumo: Ao deparar-se com uma mudança grande como a tecnológica em que o mundo vem passando, o sistema financeiro como um todo necessitou e passou por diversas mudanças, uma delas foi o surgimento de novos modelos de negócios totalmente digitais, as então denominada fintechs. A partir disso o estudo pretende verificar se existe diferenças na eficiência operacional e na rentabilidade das instituições. Foi realizado um levantamento bibliográfico e posteriormente um estudo de caso nas demonstrações financeiras das empresas. Como resultado foi possível notar que ainda os intermediários financeiros tradicionais são mais eficientes e mais rentáveis do que as empresas que aderiram totalmente ao novo modelo, porém o ano de 2020 mostrou uma tendência no oposto, visto que frente a pandemia uma das empresas com o modelo de negócios digital teve melhora significativa nos seus resultados.

Palavras Chave: Bancos - Fintechs - Eficiência - Rentabilidade - Indicadores

1. INTRODUÇÃO

Handy (1978) relata que a maioria das organizações que não são projetadas para prestar um serviço de excelência, mas são projetadas somente para o crescimento, deixando de lado estratégias relacionadas a inovação, permanecendo imutáveis em um mundo em mudança constante, estão fadadas a possível extinção ao se depararem com a inevitável lei de sobrevivência dos mais aptos e dos princípios de evolução. Handy (1978), acrescenta ainda ao seu pensamento a frase de Albert Einstein: “nenhum problema pode ser resolvido a partir da mesma consciência que o criou”. É necessário aprender a ver o mundo de uma maneira nova e revigorada.

De acordo com Danielle (2019) a vulnerabilidade de um grande sistema como o bancário está se vendo obrigado a formular estratégias para adequar a um movimento que vem reestruturando o funcionamento do mesmo. Danielle (2019) complementa ainda que as *fintechs* estão cada vez mais ditando as tendências e mudanças do sistema, inclusive trazendo inovações quanto ao campo de atuação, modelos de negócio e buscando maneiras de atender demandas dos clientes.

O atual cenário financeiro, recentemente, apresentou um grande avanço tecnológico trazendo vantagens tanto para os bancos como para seus clientes. Logo, em meio a diversas inovações nas atividades financeiras, desenvolveram-se as chamadas *fintechs*. O nascimento das *fintechs* foi beneficiado por diversos fatores, como o sucesso de iniciativas no exterior, o amadurecimento do empreendedorismo e a crise econômica, os quais motivaram a criação de negócios (DAROLLES, 2016).

Diante do protagonismo da tecnologia nos dias atuais, as FinTechs têm ganhado cada vez mais espaço no mercado financeiro e conquistando tanto clientes quanto às instituições bancárias tradicionais. Em decorrência desse fato, questiona-se: **qual o modelo mais eficiente sob aspectos da eficiência operacional e rentabilidade entre os bancos tradicionais e as FinTechs?**

A pesquisa tem como objetivo verificar se o modelo de negócios dos bancos tradicionais ainda é mais eficiente do que o modelo das *fintechs* emergentes no mercado, tal objetivo pretende ser alcançado através da aplicação de indicadores financeiros de rentabilidade, eficiência operacional e do custo de intermediação financeira.

Diante do exposto, visualiza-se neste estudo identificar aspectos sobre o desempenho das novas tecnologias do mercado frente ao modelo tradicional, visto que possui impacto direto

no cotidiano dos usuários e investidores. Tal estudo ainda contribui para o maior número de literatura e pesquisa sobre o tema, devido à escassez acadêmica do tema.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. SISTEMA FINANCEIRO NACIONAL

De acordo com Assaf Neto (2012), O Sistema Financeiro Nacional (SFN) é composto por um conjunto de instituições financeiras, cujo órgão máximo é o Conselho Monetário Nacional (CMN), o objetivo do Sistema Financeiro Nacional (SFN) é o de propiciar a relação entre desfavorecidos de recursos para investimentos e agentes superavitários que são aqueles capazes de gerar poupança, financiando o crescimento da economia. Sendo assim, é possível entender o Sistema Financeiro Nacional como um conjunto de instituições financeiras e instrumentos financeiros que tem como objetivo transferir recursos entre superavitários e deficitários.

Ainda em concordância com Assaf Neto (2012), é possível desenvolver uma estrutura para o SFN envolvendo dois grandes subsistemas, o normativo e a intermediação financeira. O subsistema normativo é responsável pela manutenção do funcionamento do mercado e dos órgãos presentes neles, nele enquadram-se conselhos e órgãos chamados de supervisores, que são responsáveis a cada qual seu nicho de mercado, conforme demonstrado por ABREU ET. AL (2017).

Para Assaf Neto (2012), o subsistema de intermediação (ou operacional) é formado por instituições bancárias e não bancárias, que tem por objetivo atuar na intermediação financeira. Nele existem cinco grandes grupos de instituições que são bancárias, não bancárias, sistema de poupança e empréstimo, auxiliares e instituições não financeiras.

2.2 *FINTECHS*

As *Fintechs* são instituições conhecidas como startups que atuam na indústria financeira. Cada Startup representa uma organização temporária projetada para buscar um modelo de negócio sustentável e escalável, segundo Blank e Dorf (2012). Em especial, as startups financeiras, *Fintechs*, buscam melhorar os meios eletrônicos de pagamentos em termos de velocidade, conveniência, eficiência e acessibilidade (LAVEN, 2014).

Para Darolles (2016), as *Fintechs* criam produtos e serviços que vão além dos depósitos financeiros, pilar estrutural do modelo de negócio tradicional e no qual a regulamentação é geralmente mais rígida, e estão explorando outras oportunidades deste segmento que as instituições financeiras tradicionais não trabalham em função do custo das vendas. Elas estão entrando em uma indústria financeira já estabelecida, através da inovação em componentes específicos da cadeia de valor das instituições tradicionais, como, por exemplo, empréstimos, seguros, cartões de crédito e pagamentos (JUN, 2016).

As *Fintechs* caracterizam sua abordagem estratégica em tecnologias digitais. Elas são, conforme Mackenzie (2015), uma das características que influenciam transformações nos modelos de negócios da indústria financeira.

De acordo com Alecrim (2017) o termo *Fintechs* surgiu da combinação das palavras em inglês *financial* (finanças) e *technology* (tecnologia). Logo, é possível entender a ideia de que toda empresa que presta serviços ou oferece produtos financeiros, diferenciando-se com as facilidades oferecidas pela tecnologia são denominadas *Fintechs*. Como consequência dos efeitos inovadores na indústria de serviços financeiros, as *Fintechs* possuem impactos duradouros no setor financeiro como um todo.

2.3 ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

A análise das demonstrações contábeis passou a assumir importante papel no processo decisório das empresas e dos investidores, visto que constitui importante instrumento para avaliação do desempenho da instituição, oferecendo importantes indicadores econômicos e perspectivas financeiras (FILHO, 2012).

Continuando com o pensamento de Filho (2012), a análise das demonstrações contábeis podem ser dívidas em retrospectiva e projetiva, a primeira fornecendo informações sobre a eficácia e eficiência das decisões tomadas e de como elas foram executadas, quanto a natureza projetiva é possível criar cenários e verificar qual o melhor para o desempenho econômico-financeiro que a administração deseja, indicando possíveis riscos e oportunidades da organização. Desta maneira a análise das demonstrações contábeis e financeiras desempenha um papel importante na tomada de decisões e na reformulação de estratégias.

Quanto ao objetivo da análise, Eliseu Martins (2020) declara que depende do usuário, pois vai demandar do tipo de informação que deseja alcançar. Como principais interessados temos os investidores estão interessados no risco e retorno, os credores e fornecedores estão atraídos pela liquidez da empresa, existe a figura dos sindicatos e colaboradores desejam saber sobre a lucratividade da empresa, o governo por sua vez está interessado na empresa como um todo, para estabelecer suas políticas fiscais.

2.3.1 ÍNDICE DE EFICIÊNCIA OPERACIONAL

Eficiência segundo Catelli (2001) é o processo pelo qual a empresa busca o melhor aproveitamento de seus recursos frente às saídas, eficiência refere-se ao método mais correto de exercer tais procedimentos. Pode-se definir como a razão entre os bens produzidos e os recursos consumidos.

Segundo Emerson Faria (2018), eficiência operacional ou ainda taxa de despesas/receita é um indicador cujo objetivo é medir a proporção entre a receita gerada pela instituição reservada a cobrir as despesas e custos da organização. Tal indicador é importante para medir a capacidade da empresa em gerar recursos para sanar suas despesas operacionais e administrativas, tais como também seus custos, de maneira que a interpretação dele seja quanto menor o percentual, melhor.

No ambiente científico da análise das demonstrações contábeis podemos encontrar diversas abordagens de indicadores que ajudam a identificar a eficiência e viabilidade do negócio, dentre eles é possível mencionar os indicadores de lucratividade, liquidez, grau de endividamento e solvência. Existe ainda um indicador muito utilizado na literatura para análise de bancos, o qual confronta as despesas operacionais da instituição com as receitas de

intermediação financeira, trazendo um coeficiente importante para o acompanhamento da evolução dos intermediários financeiros no mercado (ASSAF NETO, 2002).

Para se obter o índice operacional é necessário dividir as despesas operacionais pela receita de intermediação financeira.

2.3.2 RETORNO SOBRE O PATRIMÔNIO LÍQUIDO

O retorno sobre o patrimônio líquido demonstra o quanto a empresa obtém de lucro para cada R\$100,00 de capital próprio investido. Mostra qual a taxa de rendimento do capital próprio e pode ser comparado com outras opções de investimento do mercado, como títulos públicos, privados ou, até mesmo, a poupança e títulos de renda fixa (MATARAZZO, 2003).

Para Padoveze (2000), a rentabilidade do patrimônio líquido é o melhor de todos os indicadores, pois conjuga todos os demais e demonstra quanto os acionistas ganharam. Outro ponto forte reside no fato de ser comparável para qualquer empresa, de qualquer setor, de qualquer país, de qualquer investimento. Logo, obtém-se a fórmula $RSPL = \text{Lucro Líquido} / \text{Patrimônio Líquido}$.

2.3.3 RETORNO SOBRE O ATIVO

Com o objetivo de medir a capacidade econômica da empresa, ou seja, o sucesso obtido a partir do capital investido, são utilizados os indicadores de rentabilidade, que, de acordo com Assaf Neto (2002), visam justamente avaliar os resultados auferidos por uma organização em relação a determinados parâmetros que melhor revelam suas dimensões.

Nesse sentido, Damodaran (2004) reforça que o ROA (Retorno sobre ativos) de uma empresa mensura a sua eficiência operacional em gerar lucros a partir de seus ativos. Na mesma linha de raciocínio, Barnes (1987) considera que os índices financeiros, entre eles o ROA, são bons indicadores de desempenho das empresas. Nos trabalhos de Tavares Filho (2006) e Campos (2006) vê-se que o ROA é também usado e relacionado aos níveis de governança corporativa e à concentração acionária da empresa. A fórmula do ROA é representada por $ROA = (\text{Lucro Líquido} / \text{Ativo Total}) \times 100$.

2.4. ESTUDOS ANTERIORES

AUTOR	TÍTULO	OBJETIVOS	RESULTADOS
Emerson Faria (2018)	Fintechs de crédito e intermediários financeiros: uma análise comparativa de eficiência	Identificar e compreender as vantagens e desvantagens do modelo de intermediação financeira tradicional e do novo modelo introduzido nos últimos anos	Os resultados obtidos indicaram que as Fintechs possuem um modelo de negócios mais dinâmico que os bancos tradicionais, e que as principais diferenças e vantagens ocorrem por se basearem em operações 100% digitais. Quanto a segunda parte da pesquisa de caráter qualitativo, as fintechs apresentam um maior custo de

		<p>pelas fintechs.</p>	<p>intermediação financeira, maior taxa de despesas de intermediação financeira e um retorno sobre o PL menor do que a dos intermediários tradicionais.</p>
<p>Iran Jeferson Firmino de Andrade (2019)</p>	<p>Avaliação de desempenho financeiro dos bancos digitais e dos bancos tradicionais.</p>	<p>A pesquisa tem por objetivo geral verificar qual a diferença entre os bancos digitais e tradicionais no que diz respeito ao desempenho financeiro, entre os anos de 2014 a 2018</p>	<p>Conclui-se que não existe hegemonia entre os setores, visto que do ponto de vista da eficiência operacional os bancos mostram-se melhores, do ponto de vista do retorno sobre o ativo os bancos tradicionais apresentaram melhor desempenho e quanto a distribuição de receitas verificou que cada instituição possui suas particularidades.</p>
<p>Felipe Gomes de Souza Oliveira (2020)</p>	<p>Custo da intermediação financeira no Brasil</p>	<p>procurar entender os fatores que explicam esse spread tão elevado no país à luz da experiência internacional.</p>	<p>Ao observar o comportamento da intermediação financeira no Brasil pode-se concluir que a inadimplência de acordo com o Banco Central do Brasil é muito alta. É ainda possível constatar que em comparação com cenário internacional o Brasil apresenta problemas em todas as variáveis que aumentam o spread bancário.</p>
<p>Danielle de Oliveira Freitas (2019)</p>	<p>Fintechs e bancos : O impacto do revolucionário sobre o tradicional</p>	<p>discutir as inovações trazidas pelas Fintechs, mostrar seu impacto no Sistema Financeiro atual, trazendo à luz os desafios que essas startups ainda enfrentam e o que poderia facilitar ou dificultar o seu crescimento diante destes desafios.</p>	<p>O trabalho concluiu que as fintechs vem ditando cada vez mais as mudanças a serem efetuadas no sistema apresentado a este, novas formas de encarar seus processos, novos campos de atuação e novos modelos de negócio.</p>

Dentre os estudos indicados pelo quadro o trabalho do autor Emerson Faria (2018), destaca-se em relação aos demais, por trazer informações de cunho qualitativo e quantitativo, autor levantou os padrões entre os 2 modelos e ainda as principais vantagens sobre os outros, a pesquisa concluiu que o modelo de negócios das *fintechs* é mais dinâmico, porém ainda apresentam um maior custo e um retorno menor do que aos bancos tradicionais.

3. METODOLOGIA

3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa é classificada como aplicada, pois, a sua finalidade não é desenvolver uma posição teórica e sim realizar uma ação concreta, ou seja, realizar a aplicação prática dos conceitos. De acordo com Nascimento (2016), a pesquisa aplicada se dedica à geração de conhecimento para a solução de problemas específicos, com o objetivo de encontrar soluções para determinada situação particular, como exemplo a influência do estilo de liderança no clima organizacional de uma empresa.

Quanto ao objetivo da pesquisa, conforme ensina Gil (1991), o principal objetivo das pesquisas exploratórias são desenvolver, esclarecer e ampliar conhecimentos e conceitos com a intenção de levantar questões mais complexas sobre o tema, ou ainda hipóteses para estudos posteriores, geralmente envolvem um levantamento bibliográfico sobre o tema e posteriormente a aplicação de questionários, entrevistas e estudos de casos. Ainda segundo Gil (1991), esse tipo de pesquisa é geralmente utilizado quando o tema é pouco explorado e torna-se difícil a aplicação de hipóteses mais precisas.

A abordagem da pesquisa estende-se a qualitativa e quantitativa, uma vez que segundo Nascimento (2016) a abordagem qualitativa consiste em interpretar fenômenos, dado o contexto e realidade em que estão inseridos, considera a realidade e as particularidades dos sujeitos no objeto de estudo. E ainda segundo com Nascimento (2016), a abordagem quantitativa emprega métodos padronizados e sistemáticos, produzindo meios para a comparabilidade dos dados.

Parte da pesquisa é conduzida através de uma pesquisa bibliográfica, que de acordo com Eva (2019) é feita com base em livros, artigos, jornais, revistas, que servem como base teórica para pesquisa e embasamento científico para os argumentos e hipóteses levantadas.

Como delineamento metodológico da pesquisa classifica-se como estudo de caso, pois de acordo com Gil (1991) o estudo de caso é frequentemente usado para explorar situações reais cujas exploração não está totalmente definida, descrever situações de determinada investigação ou ainda explicar variáveis e variações causais de determinado fenômeno.

3.2 AMOSTRA E COLETA DE DADOS

Enquanto, Santos (2010), afirma que a população é todo o conjunto de indivíduos que apresentam uma ou mais características em comum e sobre os quais recai o estudo, Yin (2005), declara que a coleta de dados pode vir de seis fontes distintas, a saber: documentos, registros em arquivos, entrevistas, observação direta, observação participante e artefatos físicos.

Neste estudo, usou-se da coleta de dados que foi realizada nos relatórios anuais publicados pelas empresas no site da B3 (Bolsa Brasil Balcão) <http://www.b3.com.br/pt_br> com exceção dos relatórios da *FinTech* Nubank, os quais foram retirados do site da própria empresa.

Quanto à amostra selecionada, consideramos os bancos privados Itaú Unibanco, Bradesco e Santander, visto que hoje são as instituições com maior patrimônio líquido do segmento, pelo outro lado as *Fintechs* consideradas na pesquisa foram o Banco Inter e o Nubank, a delimitação de tempo deu-se pelos anos 2018, 2019 e 2020.

3.3 PROCEDER METODOLÓGICO E ANÁLISE DOS DADOS

O estudo iniciou-se com uma revisão bibliográfica acerca do sistema financeiro nacional, das instituições financeiras contempladas pela pesquisa, da qualidade da informação contábil, das demonstrações contábeis e dos índices de eficiência operacional. Identificou-se o Balanço Patrimonial e a Demonstração do Resultado do Exercício (DRE) das empresas referente aos últimos 3 anos, ou seja, de 2018 a 2020.

Posteriormente, identificou-se, a partir de um estudo bibliográfico, os principais conceitos e estudos já realizados sobre o tema, a partir desta pesquisa inicial foi possível identificar os principais indicadores utilizados para responder o problema de pesquisa proposto.

O tratamento dos dados foi realizado a partir do software *Google Sheets* onde os dados originais foram transformados para arquivo .xlsx e csv e tratados de maneira a facilitar a análise. Durante a coleta não foi possível a obtenção dos arquivos em formatos que permitissem o manuseio para cálculos e criação de *data visualization* para melhorar a experiência ao observar os resultados obtidos.

A análise dos dados foi realizada a partir dos dados tratados e, posteriormente, elaborados os cálculos dos indicadores propostos; para atingir tais objetivos operou-se com a ferramenta *Google Sheets*, visto que ambas permitem a fácil manipulação dos dados e geração de relatórios gráficos.

4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A seguir serão apresentados os resultados obtidos durante a pesquisa e posteriormente a discussão que pode ser levantada sobre o assunto.

4.1 ÍNDICE DE EFICIÊNCIA OPERACIONAL.

No Gráfico 1 é apresentado o índice de eficiência operacional das empresas, de maneira a indicar a evolução das empresas ao longo dos anos.

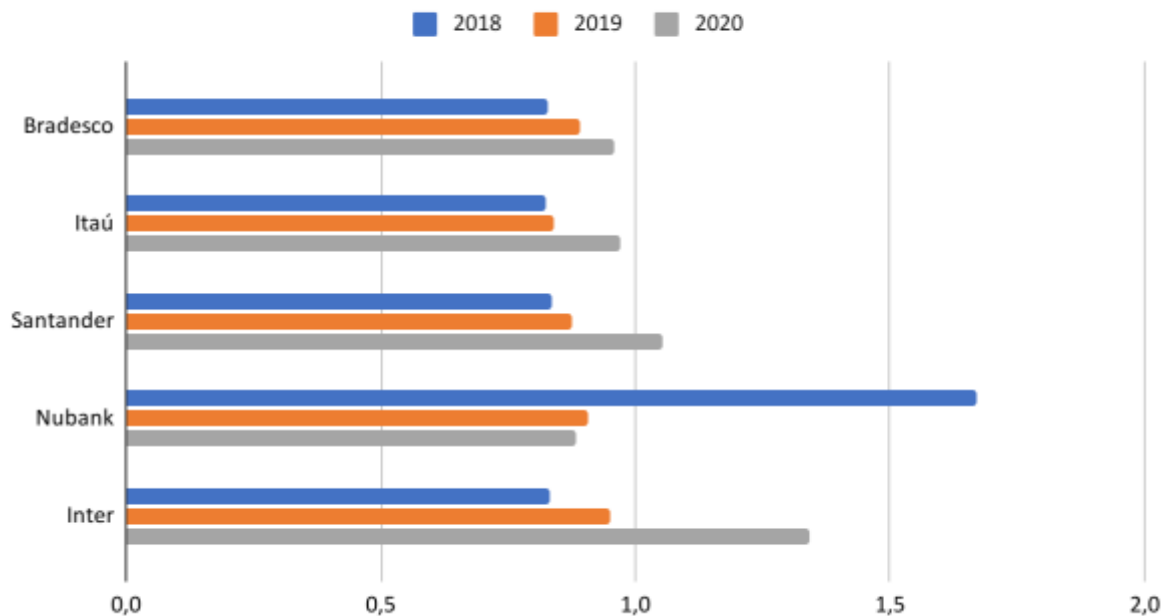
Uma vez definido que a melhor interpretação do índice é quanto menor melhor, pode-se identificar que as *fintechs* possuem um desempenho de menor constância em relação ao ponto de vista da eficiência operacional. Enquanto as instituições bancárias tradicionais oscilam entre 82% e 105%, as *fintechs* possuem um resultado com variação entre 83% e 167%.

Nota-se ainda que, a instituição Nubank possui o pior desempenho dentre as cinco instituições, no ano de 2018, tendo peso significativo nessa comparação. Quanto a instituição Banco Inter possui desempenho operacional próximo às instituições bancárias tradicionais, tendo apenas em 2020 um aumento vultoso em relação aos outros anos e empresas.

É importante identificar ainda, que a instituição Nubank foi a única empresa que teve seu índice com variação positiva em 2020, mostrando que mesmo com os impactos da pandemia causada pelo *Covid-19*, o modelo de negócio permitiu que a empresa continuasse a captar novos clientes em escala.

Gráfico 1. Índice de Eficiência Operacional

Índice de eficiência operacional



Fonte: Dados da pesquisa

Comparando os modelos de negócio é possível identificar que os bancos tradicionais tiveram um pior desempenho quanto a adaptação frente aos impactos que a pandemia trouxe. Pode-se perceber tal fato através do estudo da variação dos índices. É importante ressaltar que a instituição Nubank possui peso significativo também nessa comparação, conforme apresentado na Tabela 1.

Tabela 1. Índice de Eficiência Operacional

Índice de eficiência operacional				
Intituição/ANO	2018	2019	2020	Varição 2018-2020
Bradesco	0,82725418 92	0,89235406 51	0,95859665 18	0,1313424627
Itaú	0,82490904 51	0,83815019 92	0,96990049 32	0,1449914481
Santander	0,83547095 07	0,87719604 85	1,05477571 1	0,2193047608
Nubank	1,67068169 1	0,90683936 63	0,88154260 8	-0,7891390834
Inter	0,83348154 04	0,94965499 04	1,34030725 2	0,5068257116

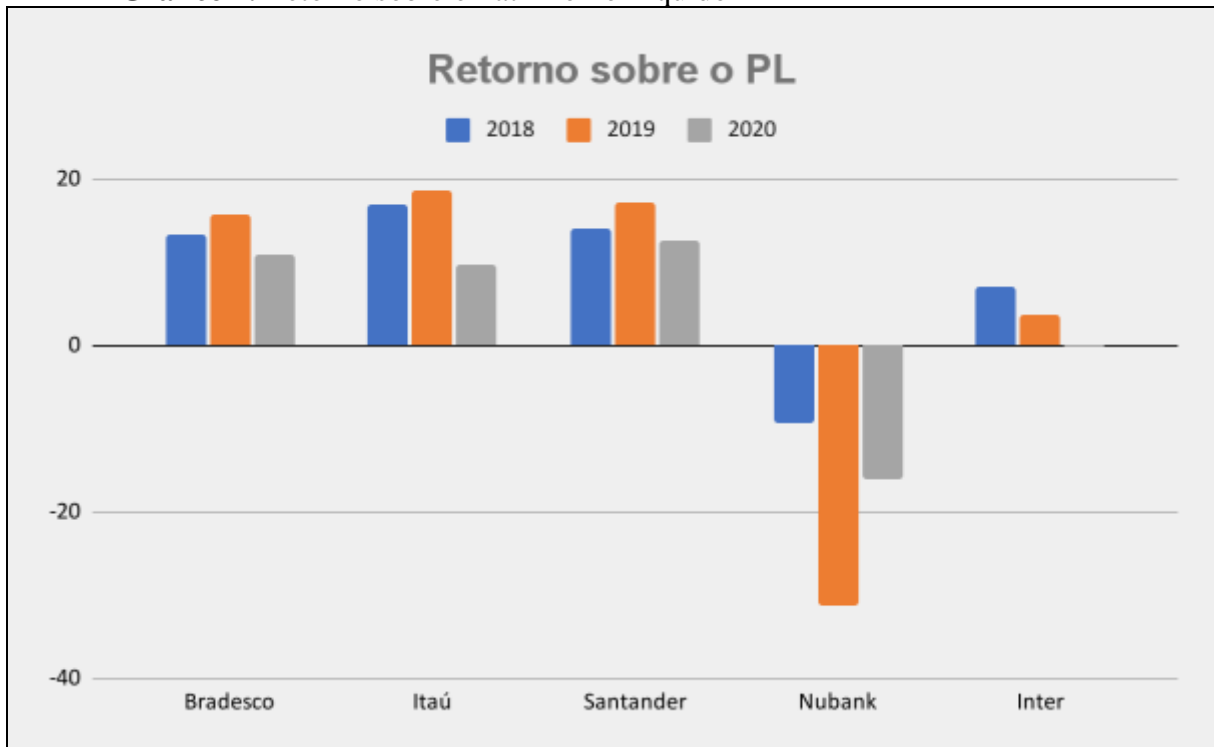
Fonte: Elaborado pelos autores

Conforme exposto, a Nubank teve uma melhora significativa no seu desempenho operacional em 2020, tendo o melhor índice de eficiência operacional no ano, sendo possível comparar o resultado do índice com os anos 2018 e 2019 das outras instituições.

4.2 RETORNO SOBRE O PL

A próxima etapa da pesquisa constituiu-se em levantar os principais indicadores de retorno das empresas. O Gráfico 2 mostra essa relação utilizando o Retorno sobre o Patrimônio Líquido das empresas.

Gráfico 2. Retorno sobre o Patrimônio Líquido



Fonte: Dados da pesquisa

Pode-se perceber que o retorno sobre o Patrimônio Líquido das instituições financeiras tradicionais é imponente frente aos modelos das *fintechs*. Enquanto a média de retorno dos bancos tradicionais girou em torno de 14%, o indicador do Nubank ficou com média negativa de 18% e o do banco Inter com 3%.

A partir da caracterização do indicador de retorno sobre o Patrimônio Líquido é possível verificar que os bancos tradicionais continuam a criar valor para a empresa, enquanto por exemplo o Nubank consumiu o patrimônio investido pelos sócios e o banco Inter teve pouca agregação de valor.

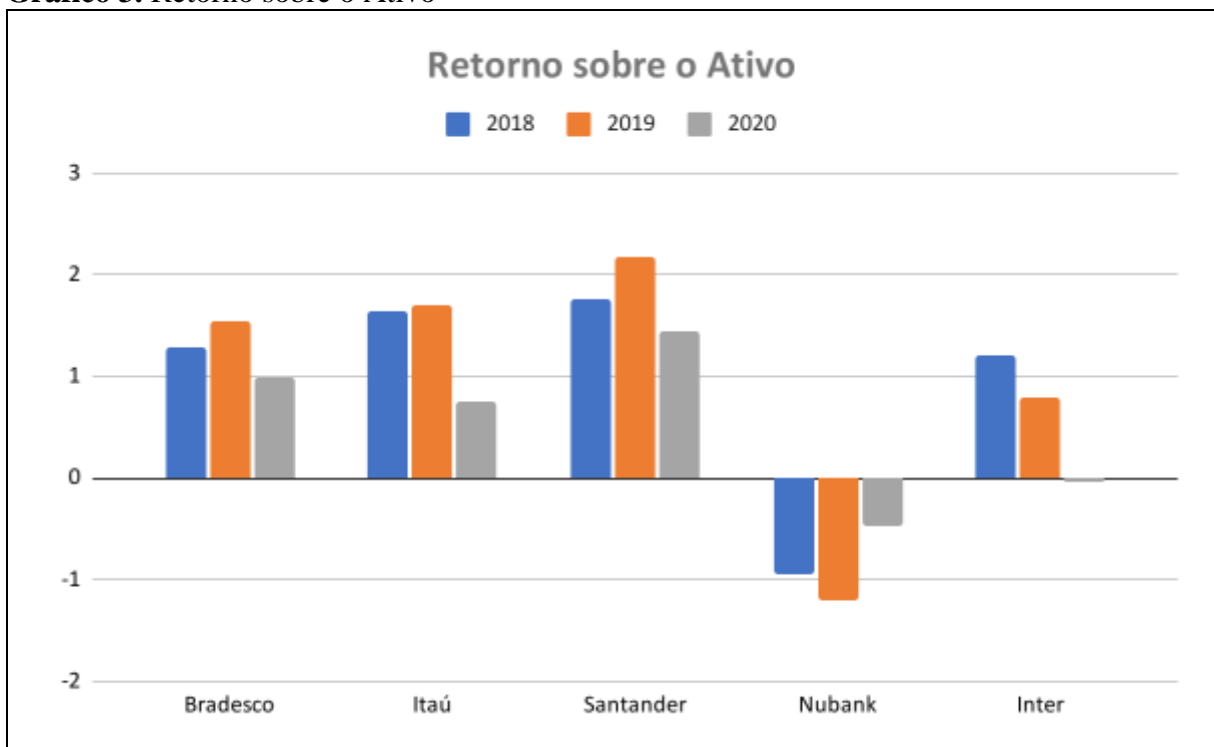
Os resultados mostram que o Nubank foi a única instituição que melhorou seu retorno no ano de 2020, corroborando com os dados apresentados no tópico anterior, mostrando que a empresa, mesmo diante de uma pandemia global, teve uma melhora significativa nos resultados nas suas atividades. Porém, a empresa continua consumindo o capital dos sócios.

4.3 RETORNO SOBRE O ATIVO

Por fim, tem-se no Gráfico 3, a representação do Retorno sobre o Ativo das instituições financeiras apresentadas.

É possível verificar, frente aos resultados que o comportamento dos dados atingidos com o cálculo do Retorno Sobre o Ativo segue o mesmo padrão do Retorno Sobre o Patrimônio Líquido, mostrando que os intermediários financeiros tradicionais conseguem gerar mais receita com os ativos da empresa.

Gráfico 3. Retorno sobre o Ativo



Fonte: Dados da pesquisa

Mais uma vez o Nubank foi o *outlier*, apresentando um resultado na contramão das outras empresas, colaborando para a hipótese que a instituição teve o melhor desempenho quanto ao gerenciamento de crise, revelando-se até mesmo como uma oportunidade, tendo como possível explicação seu modelo de negócios digital.

Após a identificação dos indicadores propostos é possível discutir algumas relações entre eles, tais como a partir de uma má eficiência operacional a tendência é que o retorno da instituição, seja com o capital de terceiros quanto sobre seus ativos, como aconteceu no caso dos bancos tradicionais, visto que em 2020 sua eficiência operacional piorou e sua rentabilidade seguiu o mesmo comportamento. A variável chave que explica essa relação é a receita.

Outro ponto a ser destacado foi o resultado do Nubank frente aos outros bancos em relação a 2020, visto que a empresa teve uma evolução positiva enquanto as outras instituições vieram a sofrer mais com a pandemia.

A possível explicação para o pior desempenho operacional das outras instituições, em 2020, foi o período de adaptação frente à gestão de riscos necessária para enfrentar o ocorrido, outro ponto é que devido às limitações e isolamento proposto, a economia teve um impacto negativo direto, impossibilitando por exemplo algumas transações comerciais físicas.

Pode-se perceber ainda que os bancos tradicionais possuem um padrão de resultado muito parecido, com os indicadores muito próximos e oscilando no mesmo sentido durante os anos. Já a outra *fintech*, o Banco Inter, possui um comportamento no mesmo sentido dos bancos tradicionais, a possível explicação para o Banco Inter não agir com a mesma tendência da outra *fintech* foi o aumento expressivo das despesas de maneira desproporcional à receita.

Percebe-se ainda que os bancos tradicionais ainda continuam mais eficientes do ponto de vista da rentabilidade e com um resultado operacional mais eficiente do que o modelo totalmente digital, porém o ano de 2020 pode ter traçado uma tendência do contrário, visto a grande evolução positiva principalmente do Nubank no período.

5. CONCLUSÃO

Este estudo teve por objetivo principal verificar as diferenças da rentabilidade e da eficiência operacional dos modelos de negócios, tradicional e digital, usando as cinco instituições bancárias apresentadas, justificando tal estudo diante do protagonismo da tecnologia atualmente frente ao mercado tradicional, como o setor bancário.

O estudo consistiu em identificar e discorrer sobre: o índice de eficiência operacional que permite identificar a razão entre receitas e despesas, ou seja, quanto de despesa a empresa precisou tomar para gerar um número específico de receita; quanto ao índice de retorno sobre o patrimônio líquido, sendo possível, através dele, verificar se a empresa agregou ou consumiu valor sobre o capital investido pelos sócios em determinado período; e o retorno sobre o ativo que mostra a capacidade da empresa em gerar receita com o número de ativos que a empresa possui naquele ano.

Definiu-se como amostra os intermediários financeiros Itaú Unibanco, Banco Santander, Banco Bradesco, Nubank e Banco Inter, como base de dados para tratamento e cálculos foram utilizados os relatórios financeiros anuais de 2018 a 2020.

A partir do estudo do índice de eficiência operacional foi possível verificar os resultados das instituições bancárias ao longo dos anos e comparar o quão eficientes são em seu setor. Como resultado obtido, conclui-se que os bancos tradicionais ainda são relativamente superiores aos intermediários financeiros do modelo digital. Contudo, em 2020, a *fintech* Nubank teve um resultado extremamente positivo, mesmo diante da pandemia, de maneira que veio inclusive a superar as demais instituições nesse exercício, criando assim, uma possível tendência para o setor, visto a iminência da inesperada condição proposta pela pandemia.

Quanto à rentabilidade das instituições bancárias, pode-se observar que os bancos tradicionais ainda possuem domínio no mercado, uma vez que, sua média foi de 14% e a das demais instituições com modelo *fintech* tiveram resultados baixos ou até mesmo negativos diante do seu Patrimônio Líquido. A capacidade em usar seus ativos para gerar resultado econômico também foi outro ponto que pesou para os bancos tradicionais, visto que os dados mostram que o modelo digital ainda possui pouca rentabilidade frente aos seus ativos, tendo inclusive sendo negativo em determinado período.

O presente trabalho colabora com os resultados apresentados pelos demais artigos relacionados. Emerson Faria (2018) afirma que os negócios de modelos digitais são mais

dinâmicos. Com isso, pode-se concluir que esses modelos, frente a uma crise maior, acabam tendo maior adaptabilidade, porém ainda continuam com a proporção de custo/despesas frente a receita maior. Segundo Iran Jeferson Firmino de Andrade (2019), de 2014 a 2018, os bancos tradicionais se mostraram melhores do ponto de vista de retorno.

Enquanto isso, Felipe Gomes (2020) constatou que o país ainda possui problemas em todas as variáveis que compõem o *spread* bancário. De maneira semelhante, nossa pesquisa mostrou que o custo e as despesas ainda continuam com o comportamento problemático, visto a queda e o baixo nível de eficiência operacional. Daniele de Oliveira Freitas (2019), afirma que as *fintechs* vêm ditando as mudanças a serem efetuadas no sistema, e a presente pesquisa colabora no sentido que, em frente à pandemia, o modelo mostrou uma possível tendência de consumo e relação com os intermediários financeiros.

A pesquisa teve como limitação o tamanho da amostra dos anos analisados, visto que o modelo digital ainda é relativamente novo no cenário. Outro ponto a ser melhorado é o número de instituições analisadas, uma vez que, no mercado ainda existem outras categorias de bancos comerciais como os bancos públicos e a diferenciação entre controle nacional e estrangeiro.

Sugere-se para pesquisas futuras o aumento da amostra a ser estudada e a aplicação de outros indicadores de caráter financeiro e econômico para visualizar de forma mais adequada e precisa qual o modelo de negócio mais eficiente.

6. REFERÊNCIAS

- ABREU, Edgar Gomes de. Sistema financeiro nacional. 1. ed. – Rio de Janeiro: Forense; São Paulo, método, 2017.
- ALECRIM, E. O que é fintech? InfoWester, 2016. Disponível em: <<http://www.infowester.com/fintech.php>>
- ASSAF NETO, Alexandre. Estrutura e Análise de Balanços: um enfoque econômico-financeiro. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- ASSAF NETO, Alexandre. Curso de Administração Financeira. São Paulo: Atlas, 2008
- ASSAF NETO, Alexandre. Mercado financeiro. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- BARNES, P. The analysis and use of financial ratios: a review article. Journal of Business Finance & Accounting, 1987
- BLANK, S.; DORF, B. The Startup Owner's Manual: The step-by-step Guide For Building a Great Company. Pescadero, 2012.
- CAMPOS, T. L. C. Estrutura da propriedade e desempenho econômico: uma avaliação empírica para as empresas de capital aberto no Brasil. Revista de Administração da USP – RAUSP, São Paulo, 2006.
- CATELLI, Armando. Controladoria: uma abordagem da gestão econômica. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- DAMODARAN, A. Finanças corporativas: teoria e prática. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- DAROLLES, S. The rise of fintechs and their regulation. Financial Stability Review, 2016.
- FARIA, Emerson. Fintechs de crédito e intermediários financeiros: uma análise comparativa de eficiência. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018.
- FILHO, José Francisco. Fundamentos e análise das demonstrações contábeis: uma abordagem interativa. São Paulo: Atlas, 2012.
- FREITAS, Danielle de Oliveira. Fintechs e bancos: o impacto do revolucionário sobre o tradicional. Niterói, 2019. 60 p. Monografia (Bacharel em Administração). Universidade Federal Fluminense.
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6 ed. São Paulo. Atlas, 1991.
- HANDY, Charles. Gods of management: how they work, and why they will fail, 1978.
- JUN, J.; YEO, E. Entry of Fintech firms and competition in the retail payments market. Asia-Pacific Journal of Financial Studies, 2016.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. Fundamentos de metodologia científica. – 8. ed. - [3. reimpr.] - São Paulo: Atlas, 2019.

LAVEN, M. Money evolution: How the shift from analogue to digital is transforming financial services. Journal of Payments Strategy, 2014.

MACKENZIE, A. The Fintech revolution. London Business School Review, 2015.

MARTINS, Eliseu. Análise didática das demonstrações contábeis / Eliseu Martins, Gilberto José Miranda, Josedilton Alves Diniz. – 3. ed. – São Paulo: Atlas, 2020

MATARAZZO, D. C. Análise financeira de balanços. São Paulo: Atlas. 2003.

NASCIMENTO, Francisco Paulo. Metodologia da Pesquisa Científica: teoria e prática – como elaborar TCC. Cap 6. Brasília: Thesaurus, 2016.

PADOVEZE, C. L. Contabilidade gerencial: um enfoque em sistema de informação contábil. 3. ed. São Paulo: Atlas. 2000.

SANTOS, Carla. Manual de autoaprendizagem: estatística descritiva. Acesso em: < <https://static.fnac-static.com/multimedia/PT/pdf/9789726189688.pdf> >

TAVARES FILHO, F. Rentabilidade e valor das companhias no Brasil: uma análise comparativa das empresas que aderiram aos níveis de governança corporativa da Bovespa. Mestrado em Ciências Contábeis. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.